

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2006

QUARTETO
ALBAN
BERG CORDAS

apoiar a arte é uma questão de cultura

Votorantim está entre os maiores grupos econômicos do país com posição destacada em todas as suas áreas de atuação.

E ao longo de sua história, a empresa tem investido nas mais diversas formas de expressão artística.

O ato de criar, transformar, educar é essencial na natureza do homem. E a arte é a forma mais expressiva para revelar toda esta energia.

Por isso, o Grupo Votorantim acredita e investe em projetos culturais, contribuindo para o desenvolvimento social.



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2006

QUARTETO ALBAN BERG CORDAS

GÜNTER PICHLER VIOLINO

GERHARD SCHULZ VIOLINO

ISABEL CHARISIUS VIOLA

VALENTIN ERBEN VIOLONCELO

apoio



patrocínio



Comissão Brasileira de Arbitragem



Telefónica



QUARTETO ALBAN BERG

CORDAS

GÜNTER PICHLER VIOLINO

GERHARD SCHULZ VIOLINO

ISABEL CHARISIUS VIOLA

VALENTIN ERBEN VIOLONCELO

H

há mais de trinta anos que o Quarteto Alban Berg vem se apresentando regularmente nas maiores cidades e melhores festivais de música do mundo inteiro. Além disso, o conjunto é titular de séries próprias de concertos na *Konzerthaus* de Viena – onde o Quarteto estreou em 1971 e de que seus integrantes são Membros Honorários –, no *Royal Festival Hall* de Londres – sala de que os músicos do Alban Berg foram Artistas Associados por mais de 15 anos, e onde o conjunto passou a ser Quarteto Laureado desde a Temporada 2005/2006 –, na Ópera de Zurique, no *Théâtre des Champs Elysées* em Paris, na *Philharmonie* de Colônia e na *Alte Oper* de Frankfurt.

Desde sua estréia, o Quarteto Alban Berg vem atuando intensamente também nos estúdios de gravação. A discografia do grupo já foi agraciada com mais de trinta importantes prêmios internacionais, como o *Grand Prix du Disque*, o *Deutsche Schallplattenpreis*, o *Edison Prize*, o primeiro *International Classical Music Award*, o Grande Prêmio Japonês do Disco e o *Gramophone Magazine Award*. Diversos de seus álbuns são considerados pelo público e pela crítica como gravações definitivas das obras neles abordadas.

Dentre as diversas contribuições do Quarteto Alban Berg para o mundo do disco destacam-se os registros dos ciclos integrais de Quartetos para Cordas de Beethoven, Brahms, Berg, Webern e Bartók, a gravação dos ciclos completos dos últimos quartetos de Mozart e de Schubert, inúmeros outros álbuns – dedicados a compositores como Haydn, Dvorák, Schumann, Ravel, Debussy, Stravinsky, von Einem e Haubstock-Ramati –, bem como gravações ao vivo no *Carnegie Hall* de Nova Iorque, na *Opéra Comique* de Paris, no *Queen Elizabeth Hall* de Londres e, sobretudo, na *Konzerthaus* de Viena.

Tempos depois de sua primeira gravação do ciclo de Quartetos para Cordas de Beethoven, feita em estúdio, o conjunto voltou a gravá-lo, dessa vez ao vivo, na *Konzerthaus*, por ocasião do Festival de Viena de 1989, registro lançado em CD, em vídeo e em DVD. Também ao vivo, o Quarteto Alban Berg já gravou obras de Janáček, Lutoslawski, Berio, Schnittke, Urbanner e Rihm – boa parte delas dedicadas ao grupo –, os Quartetos *opus 51* e *opus 106* de Dvorák, os Quartetos *opus 12* e *opus 13* de Mendelssohn, os Quintetos para Piano de Schumann (com Philippe Entremont), Schubert (com Elisabeth Leonskaya), Brahms (Leonskaya) e Dvorák (com Rudolf Buchbinder), o Quinteto para Clarineta (com Sabine Meyer) e o Quinteto para Cordas *opus 111* (com Hariolf Schlichtig), de Brahms, e o Quarteto para Piano em Mi bemol maior e o Quinteto para Piano K.414, de Mozart (com Alfred Brendel). Recentemente, o Quarteto Alban Berg lançou dois novos álbuns gravados ao vivo, ambos com Per Arne Glorvigen ao *bandoneón*: *Tango Sensations*, com obras de Astor Piazzolla, e a estréia mundial de *Adieu Satie*, do compositor vienense Kurt Schwertsik.



As críticas sobre o Quarteto Alban Berg confirmam a reputação do grupo: “Certamente um dos maiores conjuntos da música de câmara” (*France Soir*, Paris); “Perfeição atordoante” (*Washington Post*); “Um dos grandes conjuntos de nosso tempo” (*San Francisco Chronicle*); “Um prodígio que atende pelo nome de Quarteto Alban Berg” (*Presse*, Viena); “Poucos Quartetos, se é que os há, podem competir com sua força e segurança nos compositores vienenses clássicos e românticos” (*Times*, Londres); “O Quarteto Alban Berg alcançou patamar lendário na interpretação da música de câmara” (*Frankfurter Allgemeine Zeitung*); “O Quarteto Alban Berg é arrasador em Beethoven” (*Suddeutsche Zeitung*).

Mais do que os elogios superlativos da crítica e do que o entusiasmo do público, o que verdadeiramente importa para o Quarteto Alban Berg é sua missão, auto-estipulada, de oferecer a mais harmoniosa interpretação das obras que aborda e de ampliar seu repertório, que se estende do Classicismo à contemporaneidade: o nome “Alban Berg” simboliza precisamente esse compromisso.

Em 2005, o grupo sofreu uma dolorosa perda com a morte de seu violista Thomas Kakuska. O Quarteto Alban Berg tem prosseguido suas atividades de concerto com Isabel Charisius, com a mesma convicção e de acordo com espírito de Thomas Kakuska.



Benfeitores Cultura Artística

Benfeitores Platina

Banco Itaú S/A

Bovespa

Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia

Varig Brasil

Benfeitores Bronze

Livraria Cultura S/A

Associação

“Sociedade de Cultura Artística”

Rua Nestor Pestana, 196 São Paulo SP

Fones (11) 3256 0223 / 3257 3261

Fax (11) 3258 3595

cultart@dialdata.com.br

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Mantenedores e Amigos – 2006

Mantenedores

Adolpho Leirner
Adroaldo M. Silva
Affonso Celso Pastore
Airtton Bobrow
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Álvaro Oscar Campana
Angelita Habr Gama
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos Araújo Cintra
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
Cláudio R. Cernea
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Colégio Bandeirantes S/A
Dario Chebel Labakí Neto
Eduardo L. P. R. de Almeida
EPU – Editora Pedagógica e Universitária
Estrela do Mar Participações
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
Fernão Carlos B. Bracher
Flavio Pinho de Almeida
George Gerard Arnhold
Gioconda Bordon
Heinz Jorg Gruber
Henrique e Eduardo Brenner
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim Gama
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José e Priscila Goldenberg
José Roberto Opice
José Theophilo Ramos Jr.
Lea Regina Caffaro Terra
Lívio De Vivo
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria Adelaide Amaral
Mario Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Milú Villela
Minidi Pedroso
Moise Safra
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Moshe Sendacz
Paulo Cezar C. B. C. Araújo
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Roberto e Yara Baumgart
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbvicher
Sandor e Mariane Szego
Sílvia Dias A. Machado
Sonia Regina de Álvares O. Fernandes
Sylvia Leda Amaral Pinho de Almeida
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
1 mantenedor anônimo

Amigos

Afonso H. S. Sousa Jr.
Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Ana Lucia Moreto Nogueira
Ana Maria L. V. Igel
Andrea Sandro Calabi
Anna Maria Tuma Zacharias
Antonio Carlos Rego Gil
Antonio Roque Citadini
Ayako Nishikawa
BVDA – Brasil Verde Design
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos J. Rauscher
Carlos Souza Barros de Carvalho
César Tácito Lopes Costa
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Decio Zylbersztajn
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobaran
Eduardo R. Melo
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elisa Wolynec
Erwin Herbert Kaufmann
Fabio Konder Comparato
Fabio Nusdeo
Fanny B. Levy
Fátima Zorzato
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottenberg
Francisco H. de Abreu Maffei
Gérard Loeb
Giovani Guido Cerri
Henrique B. Larroude
Hilda Mayer
Horácio Mário Kleinman
Izabel Sobral
Jacob Gorender
Jaime Pinski
Jairo Cupertino
Janos e Wilma Kövesi
Jayme Rabinovich
Jerzy M. Kornbluh
João Baptista Raimo Jr.
João Gomes Caldas in memoriam
Jorge e Liana Kalil
José Carlos Dias
José E. Queiroz Guimarães
José Otávio Fagundes
José Roberto Mendonça de Barros
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Leo Ernest Dreifuss
Lilia Salomão
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Luiz Schwarcz
Maria Bonomi
Maria de Los Angeles Fanta
Maria Luiza Loyola Colin
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Maria Tereza Gasparian
Marianne e Ruy George Fischer
Mario Higino N. M. Leonel
Marta Grostein
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Monica Mehler
Natan Berger
Neli Aparecida de Faria
Nelio Garcia de Barros
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira

Oscar Lafer
Paulo Yokota
Plínio José Marafon
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Ramiro E. A. Gomes Tojal
RCS Auditores
Regina Weinberg
Renato Naigeborin
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rogério Ribeiro da Luz
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Ruy Souza e Silva
SAE Laboratório Médico
Samuel Lafer
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Sílvio Meyerhof
Tamas Makray
Tarcísio Vieira Ramos
Thyrso Martins
Thomaz Farkas
Ulysses P. Eduardo Jr.
Walter Geneviva
11 amigos anônimos



TEMPORADA CULTURA ARTÍSTICA 1940

UMA RARA OPORTUNIDADE

Quarteto Léner

Jeno Léner, Josef Smilovich, Sandor Roth e Imre Hartmann viajavam em turnê pela América do Sul no segundo semestre de 1940. Eram húngaros e integravam um dos mais perfeitos conjuntos de música de câmara em atividade na época, o Quarteto Léner. O grupo já havia tocado para os assinantes da Sociedade de Cultura Artística em junho do ano anterior, alguns meses antes da eclosão da guerra na Europa. De volta a São Paulo, sua chegada foi motivo de alegria, mas a partida, ao contrário, só trazia ansiedade. A Hungria, sob domínio nazista, não oferecia segurança a ninguém, nem a quatro artistas famosos. Com o objetivo de mantê-los aqui por mais tempo a diretora-executiva da SCA, Esther Mesquita, propôs que apresentassem um ciclo completo da evolução da música de câmara, do Classicismo à Modernidade. Um projeto

oportuno – e audacioso. Em outras circunstâncias seria quase impossível viabilizá-lo. A música de câmara exigia uma audição refinada, o público talvez não se entusiasmasse. Mas um dos desejos de dona Esther era justamente formar ouvintes sofisticados.

A série de oito concertos começou com uma peça de Franz Richter e terminou com Villa-Lobos. Os maestros Souza Lima e Armando Bellardi ajudaram a preparar o programa e se juntaram ao grupo na execução de alguns quintetos. O ciclo foi um sucesso. Tornou-se uma passagem memorável na história da SCA que vale a pena lembrar nesta noite em que ouviremos quatro dos melhores cameristas da atualidade: os músicos do Quarteto Alban Berg.

TEMPORADA 2008

Série Branca

21 de junho, quarta-feira, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Quarteto de Cordas n° 14, em Sol maior,
K.387 – *Frühling* (Primavera) 25'

Allegro vivace assai

Menuetto: Allegro

Andante cantabile

Molto allegro

Béla Bartók (1881 – 1945)

Quarteto de Cordas n° 2, Sz.67 25'

Moderato

Allegro molto capriccioso

Lento

intervalo

Wolfgang Amadeus Mozart

Quarteto de Cordas n° 19, em Dó maior,
K.465 – *Dissonanzen* (Dissonâncias) 25'

Adagio – Allegro

Andante cantabile

Menuetto: Allegro

Allegro molto

Série Azul

22 de junho, quinta-feira, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

**Quarteto de Cordas nº 15,
em Ré menor, K.421** 25'

Allegro moderato
Andante
Menuetto: Allegretto
Allegretto ma non troppo

Wolfgang Amadeus Mozart

**Quarteto de Cordas nº 23,
em Fá maior, K.590** 25'

Allegro moderato
Andante
Menuetto: Allegretto
Allegro

intervalo

Béla Bartók (1881 – 1945)

Quarteto de Cordas nº 4, Sz.91 25'

Allegro
Prestissimo, con surdino
Non troppo lento
Allegretto pizzicato
Allegro molto

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2006 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

Próximos concertos

Teatro Cultura Artística

**AKADEMIE FÜR
ALTE MUSIK BERLIN**

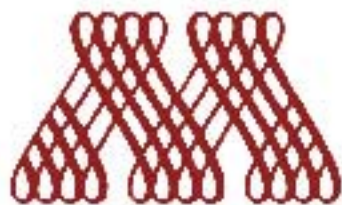
YEREE SUH SOPRANO
MIDORI SEILER VIOLINO
CHRISTOPH HUNTGEBURTH FLAUTA
CHRISTIAN BEUSE FAGOTE

Série Branca 27 de junho, terça-feira

Mozart Divertimento nº 3, K.138
Mozart Concerto para Fagote, K.191
Mozart Concerto para Violino nº 2, K.211
Mozart Moteto Exsultate, jubilate, K.165
Mozart Sinfonia nº 29, K.201

Série Azul 28 de junho, quarta-feira

Mozart Sinfonia nº 10, K.74
Beck Sinfonia em Sol menor, opus 3, nº 3
Mozart Moteto Exsultate, jubilate, K.165
Mozart Concerto para Flauta nº 1, K.313
Haydn Sinfonia nº 3, em Sol maior, Hob.1:3



MAKSOD PLAZA

SÃO PAULO - BRASIL

Hospitalidade, Elegância e Impecável Serviço



Wi-Fi Acesso ultra-rápido sem fio no Pavilhão de Eventos, Teatro, Restaurantes, Lobby e Lounge.

Apartamentos e Suítes

O Maksoud Plaza de São Paulo oferece 416 apartamentos e suítes decorados com muita elegância e totalmente renovados recentemente, todos com esplêndidas e variadas vistas panorâmicas. Para realçar o conforto do hóspede, todos os apartamentos e suítes possuem acesso ultra-rápido à Internet. As tarifas são extremamente acessíveis.

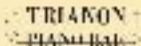
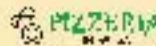
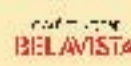
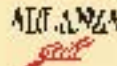
Promoção Jantar e Ficar

Venha jantar no Maksoud Plaza e aproveite com sua companhia as delícias dos Restaurantes e Bares do Centro Gastronômico. Peça ao maître que faça seu check-in, e ele entrega em sua mesa a chave do seu apartamento ou suíte. E você terá a noite toda, ou se preferir, todo um final de semana, para relaxar e curtir momentos inesquecíveis.

Banquetes e Eventos

Atualmente, o Maksoud Plaza possui 1600 m² de áreas exclusivas para eventos, com capacidade para até 2000 pessoas, teatro com 420 lugares, salas de reunião de diversos tamanhos para usos múltiplos. Ideal também para eventos sociais, desde pequenos coquetéis a grandes banquetes. Escritórios disponíveis para aluguel com Fast Track Internet[®], ReadyWeb[®] e Videoconferência... e está nascendo um novo Pavilhão de Eventos com mais 1.800 m². Tudo para que seu evento seja sempre um sucesso.

Centro Gastronômico - 24 horas



Informações e Reservas:
Toll Free Brasil: 0800.13.44.11
www.maksoud.com.br

Alameda Campinas, 150 • Bela Vista
CEP 01404-900 • São Paulo • SP • Brasil
Tel.: (55 11) 3145-8000 • Fax: (55 11) 3145-8001
maksoud@maksoud.com.br • www.maksoud.com.br

O Quarteto de Cordas

Tal como o conhecemos hoje – reunião de dois violinos, viola e violoncelo –, o quarteto de cordas nasceu durante o século XVIII, quando o Classicismo da Era das Luzes acabou por substituir o Barroco. Dois fatores determinaram o seu surgimento: o aperfeiçoamento dos instrumentos de cordas e a possibilidade de escrever música através de uma nova maneira de articular a linguagem, a forma-sonata. O emprego de quatro “vozes” instrumentais, juntas e livres do peso do baixo-contínuo, tornou possível a criação de uma espécie inédita de música de câmara, baseada na transformação temática permanente e, também, no diálogo estabelecido entre os instrumentos postos em jogo, em geral com leveza de expressão.

Não se sabe quem foi o inventor do quarteto de cordas. Entretanto, tem-se como certo que o austríaco Joseph Haydn levou o gênero à sua primeira culminância, retirando-o da mera condição de música de entretenimento e aprofundando as suas possibilidades técnico-expressivas. Concebeu para essa arregimentação instrumental cerca de oitenta exemplares, a partir de 1760. O segundo grande gênio a dedicar-se ao quarteto foi Wolfgang Amadeus Mozart, que dizia ter aprendido com o amigo mais velho como enfrentar essa difícil aventura. Isso é apenas meia verdade, pois o futuro autor de *Die Zauberflöte*, antes mesmo de conhecer Haydn, já demonstrava saber escrever para tal agrupamento em 1770, aos 14 anos, quando se encontrava em viagem pela Itália (Quarteto em Sol maior, K.80). E se Haydn engendrou para as quatro cordas arquiteturas de rigoroso equilíbrio, Mozart iluminou essas construções com a sua cativante imaginação melódica e com a sua personíssima visão do tratamento dado às formas.

Pouco tempo depois da intervenção desses dois mestres, foi a vez de Beethoven transfigurar o quarteto de cordas dezesseis vezes, levando-o a paragens até então desconhecidas. Suas obras da maturidade continuam soando tão inovadoras que alguns estudiosos as declaram limites inultrapassáveis. Mesmo diante dos desafiantes monumentos de Beethoven, muitos compositores escreveram para a formação durante o século XIX: Schubert, Schumann, Mendelssohn, Brahms, Smetana, Dvorák, Borodin, Tchaikovsky, Reger, Franck, Debussy e Ravel, dentre outros. E essa tradição, tantas vezes retrabalhada com notável radicalidade, continuou viva durante o século XX, dando surgimento a obras pertencentes a estéticas divergentes como as de Schoenberg, Berg e Webern, Shostakovich, Milhaud, Villa-Lobos e, mais modernamente, de Lutoslawski, Carter, Boulez, Berio, Nono e Stockhausen, para citarmos apenas artistas já considerados “clássicos”.

Por sua volta, o impressionante ciclo de seis quartetos do húngaro Béla Bartók – com obras compostas, respectivamente, em 1907/1909, 1915/1917, 1927, 1928, 1934 e 1939 – continua sendo considerado o mais importante escrito durante a primeira metade do século XX. A alta voltagem expressiva desse ciclo, aliada à sua permanente experimentação sonora e formal, faz dele um dos mais belos conjuntos arquitetônicos da Modernidade.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Ainda que tenha escrito quartetos de cordas desde muito jovem, sob a influência de exemplares italianos, foi sobretudo a partir da descoberta da soberba obra de Haydn que Mozart encontrou os meios próprios para se expressar, em profundidade, nesse meio sonoro. Isso já desde 1772. Tendo conhecido o compositor mais velho em 1781 e se ligado a ele por forte amizade, Wolfgang dedicaria a essa figura modelar seis quartetos concebidos entre 1782 e 1785, “frutos de um trabalho longo e difícil”, conforme ele mesmo disse. Com esse ciclo, o autor de *Don Giovanni* atingiu a plena maturidade camerística, passando a impor os seus próprios padrões estéticos, repletos de inovações, de sutilezas e de uma cantabilidade inebriante. Ao lado dos quartetos de cordas de Haydn, os de Mozart elevam-se bem acima de tudo o que se escreveu nesse gênero à época, a chamada Fase de Ouro do Classicismo.

O Quarteto de Cordas nº 14, em Sol maior, K.387, apelidado de *Frühling* (Primavera), é o primeiro do ciclo de quartetos dedicados a Joseph Haydn. Está datado do dia 31 de dezembro de 1782, quando Wolfgang tinha 26 anos. Nele, ao desanuviado, esperto e alegre *Allegro vivace assai* inicial, que termina com uma espécie de suspiro, segue-se o *Menuetto: Allegro*, em inesperada segunda posição, que possui um recorte elegante e saboroso, contando com um Trio repleto de contrastes. No *Andante cantabile* encontramos um longo canto, a um só tempo contido e desabrido, que é o coração expressivo da obra, por seu tom particularmente tocante. O *Molto allegro* de encerramento, de escrita refinada, mostra-nos Wolfgang Amadeus de posse de uma “polifonia transfigurada”, que se tornou sua resposta criativa ao conhecimento, então recém-estabelecido, das obras de Johann Sebastian Bach.

O bastante espantoso Quarteto de Cordas nº 19, em Dó maior, K.465, muito justamente batizado de “Dissonâncias”, é o derradeiro do ciclo dedicado a Haydn, por esse Mozart que, com 29 anos, sentia reverência e enorme admiração pelo amigo mais velho. Completado em 14 de janeiro

de 1785, apenas quatro dias depois do Quarteto K.464, à época o *Dissonanzen* deve ter soado como música de vanguarda, pois sua introdução, *Adagio*, organizada sobre desencontros sonoros dos mais audazes, aponta para o longínquo futuro no qual as dissonâncias haveriam de se libertar das regras da tonalidade; o *Allegro* que vem em seguida restabelece o equilíbrio tonal, em torno de um concentrado trabalho realizado sobre um só tema dominante. O *Andante* em Fá maior, por sua volta, contém um dos mais belos e expressivos temas de Mozart, responsável pela tocante expressividade dessa página. O *Menuetto: Allegro* tem algo de rude na sua enunciação e abriga um Trio, em Dó menor, de atmosfera bastante séria. O final, um *Allegro molto* efetivamente alegre, brilha com seu tema principal e várias idéias subordinadas, que dobram a forma-sonata ao sabor de uma fantasia que talvez possa ser percebida como um autêntico grito de liberdade.

Mergulhado em uma tonalidade particularmente dramática, o Quarteto de Cordas nº 15, em Ré menor, K.421, passa por ser uma imagem sonora da solidão interior do artista. Completada possivelmente em 17 de junho de 1783, na noite em que Constanze dava à luz o primogênito do casal, a partitura exhibe uma atmosfera sombria e inquietante, aparentada à da ópera *Don Giovanni*. A fluência extraordinária do *Allegro* inicial não deixa perceber o quão difícil deve ter sido escrevê-lo. O *Andante* que se segue, de despojada e sombria melancolia, balança seu tema principal sobre um ritmo em compasso 6/8, de longínqua lembrança italiana. Já o *Menuetto: Allegretto*, um bocado rústico e rude, repleto de jogos de contraponto, conta com um Trio que é bem o seu avesso – uma despreocupada melodia de sabor popular e alpino. O último movimento, um *Allegretto ma non troppo*, apresenta um tema seguido de quatro variações. A derradeira delas, em tom maior, aponta para um final ensolarado, logo negado, de maneira peremptória, pela retomada do fatídico Ré menor.

Última obra escrita para essa formação instrumental, o Quarteto de Cordas nº 23, em Fá maior, K.590, datado de junho de 1790 e inicialmente pensado para ser dedicado a um monarca, acabou sendo publicado alguns meses depois da morte do autor, sem dedicatória alguma. O *Allegro* de abertura tece uma trama em torno de algumas assimetrias temáticas especialmente sedutoras. Aí, Mozart encontrou espaço para explorar o violoncelo, instrumento predileto de Frederico Guilherme II da Prússia. No lugar do esperado andamento lento tem-se um *Allegretto* de tema algo ofegante, que prefigura o jovem Beethoven. O *Menuetto – Allegretto*

também joga com certas assimetrias que espantam e encantam os ouvidos, ainda que concebidas em pauta entre agressiva e tensa, aliviada momentaneamente por um Trio bonachão. O final, marcado *Allegro*, é um movimento espantoso que se inicia com uma galante homenagem a Haydn e, paulatinamente, estabelece jogos de dissonâncias em inesperadas aventuras sonoras que ostentam um ar de permanente modernidade.

Béla Bartók (1881 – 1945)

A força expressiva da trajetória demarcada pelos quartetos de Béla Bartók – que nos levam do Pós-romantismo ao Expressionismo e daí a um novo gênero de Classicismo – é dona de uma chama que não dá mostras de querer se extinguir. Além disso, como salientou o seu discípulo Matyas Seiber, os quartetos bartoknianos representam nuclearmente todo o pensamento do autor, na medida em que “são a espinha dorsal de toda a sua obra”. Bartók sempre foi, a um só tempo, um músico ligado às tradições folclóricas de vários países da Europa Central, e mesmo da África, e um artista preocupado em criar uma linguagem pessoal inovadora, relativizadora dos limites impostos pela tradição.

O compositor, que já havia pesquisado timbres novos com a adoção de variada percussão e instrumentos pouco usuais em sua orquestra, voltou-se para o quarteto de cordas com notável imaginação acústica. Maneiras pouco comuns de usar o arco – tocando-o ao revés, com a sua parte de madeira (*con legno*), ou junto ao cavalete (*sul ponticello*) ou, ainda, na outra extremidade do instrumento (*sulla tastiera*) –, assim como várias formas de *pizzicati* (uma delas, com as cordas puxadas de maneira forte a ponto de elas rebaterem no braço do instrumento, leva o nome do compositor) passaram a fazer parte do seu arsenal sonoro. Também integraram sua palheta o emprego inesperado de surdinas, estranhos sons harmônicos e *glissandi* escorregadios. Isso para concretizar uma linguagem a um só tempo rude e requintada, impactante e sutil, na qual a beleza de elementos folclóricos transfigurados é sobreposta a uma inovadora concepção harmônica.

O Quarteto de Cordas nº 2, a obra mais importante escrita por Bartók entre *O Castelo do Barba-Azul* e *O Mandarin Miraculoso*, foi concebido no período 1915/1917. Resulta de uma extraordinária fusão de elementos – matrizes folclóricas, experiências tonais e modais, exploração radical da rítmica, elemento colocado em pé de igualdade com a melodia e a harmonia. Seu movimento inicial, *Moderato*, combina arabescos melódicos e fórmulas rítmicas de maneira tensa e intensa. O movimento central, considerado por

muitos o coração da partitura, é um furioso *Allegro molto capriccioso* no qual um turbilhão de idéias é balizado por uma obsessiva nota Ré. O andamento final não deixa de ser um anticlímax, na medida em que é um vagaroso *Lento*, repleto de momentos de silêncio, onde idéias novas e já ouvidas passam por reticentes processos de variação.

O Quarteto de Cordas nº 4 foi escrito em pouco tempo, entre julho e setembro de 1928, em Budapeste. Tem cinco movimentos que descrevem uma trajetória em arco (A-B-C-B-A), na qual um movimento lento (C) é cercado de dois *scherzos* (B) e estes, por sua vez, por dois *allegros* (A). Cada um dos movimentos, internamente, tem forma tripartite (A-B-A). Como um todo, a partitura conta com dois motivos principais que, em meio a um universo sonoro em expansão, busca dar ao todo certa unidade. Essa arquitetura, no fundo, foi uma maneira estratégica que Bartók encontrou para compartimentar, de modo orgânico e harmonioso, a sua radical e violenta inventividade. O *Allegro* inicial gravita em torno da nota Dó e, apoiando-se sobre dois temas contrastantes, explora certas potencialidades da tradicional forma-sonata. No primeiro *scherzo*, *Prestissimo*, os quatro instrumentos tocam com surdina e trocam-se incessantemente informações, como que à meia-voz. O terceiro movimento, *Non troppo lento*, é marcado pela presença de uma ampla e muito plástica melodia entregue ao violoncelo, que a desenrola sobre o estatismo das outras cordas. O segundo *scherzo*, *Allegretto*, como que coloca em evidência o que o seu companheiro (o primeiro *scherzo*) havia filtrado com surdinas, provocando explosões de pura vitalidade com o emprego de vários tipos de *pizzicati*. O quinto e último movimento, *Allegro molto*, comemora em pauta jubilosa e em espírito popular muito daquilo que o compositor antecipara no movimento de abertura.

Comentários por J. Jota de Moraes

Edição RUI FONTANA LOPEZ

Projeto Gráfico CARLO ZUFFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Traduções EDUARDO BRANDÃO

Fotos DIVULGAÇÃO

Editoração Eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Prepress e impressão GARILLI

2009
TEMPORADA

Março, 28 e 29 Sala São Paulo

**ORQUESTRA SINFÔNICA
DA BBC ESCOCESA**

ILAN VOLKOV REGÊNCIA

BARBARA HANNIGAN SOPRANO

MICHAEL COLLINS CLARINETA

Abril, 4 e 5 Teatro Cultura Artística

VADIM REPIN VIOLINO

NIKOLAI LUGANSKY PIANO

Mai, 23 e 25 Teatro Cultura Artística

RAMÓN VARGAS TENOR

MZIA BAKHTOURIDZE PIANO

Mai, 30 e 31 Sala São Paulo

ORQUESTRA FILARMÔNICA CHECA

GERD ALBRECHT REGÊNCIA

ELISABETH LEONSKAYA PIANO

Junho, 21 e 22 Teatro Cultura Artística

QUARTETO ALBAN BERG CORDAS

Junho, 27 e 28 Teatro Cultura Artística

AKADEMIE FÜR ALTE MUSIK BERLIN

YEREE SUH SOPRANO

MIDORI SEILER VIOLINO

CHRISTOPH HUNTGEBURTH FLAUTA

CHRISTIAN BEUSE FAGOTE

Agosto, 12 e 13 Sala São Paulo

**ORQUESTRA DA ÓPERA
NACIONAL DA NORUEGA**

OLAF HENZOLD REGÊNCIA

Setembro, 3 e 4 Teatro Cultura Artística

CORAL BACH DE MAINZ

**ORQUESTRA FILARMÔNICA
DA RENÂNIA - PALATINADO**

RALF OTTO REGÊNCIA

Outubro, 9 e 10 Sala São Paulo

**ORQUESTRA E CORO
NACIONAL DA ESPANHA**

JOSEP PONS REGÊNCIA

Outubro, 24 e 25 Teatro Cultura Artística

LES MUSICIENS DU LOUVRE - GRENOBLE


MARC MINKOWSKI REGÊNCIA

Programação sujeita a alterações.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Rua Nestor Pestana, 196 01303-010 São Paulo SP Brasil

Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br



A Telefônica aproxima
você das pessoas e do
melhor da cultura.

Telefônica.

Patrocinadora dos
Concertos da Sociedade
de Cultura Artística.

TELEFONIA FIXA

TELEFONIA CELULAR

INTERNET

SOLUÇÕES PARA
EMPRESAS

REDE DE
TRANSMISSÃO
INTERNACIONAL

GUIA DE PRODUTOS
E SERVIÇOS

CONTACT CENTER

PESQUISA E
DESENVOLVIMENTO

ENGENHARIA DE
SEGURANÇA

FUNDAÇÃO

www.telefonica.com.br

Telefônica

Aqui tem sempre lugar reservado para a cultura.



A cultura voa nas asas da VARIG.



PAIROCÍNIO
PROJETO VARIG

ASAS DA CULTURA



VARIG
Brasil

A STAR ALLIANCE MEMBER 